

A História Oficial e as Narrativas Oraís Gravadas sobre os Antepassados da Etnia *Guarani-Mbyá*¹

La historia oficial y las narrativas orales grabadas de los antepasados de la Etnia Guaraní-Mbyá

The Official Story and the Oral Narratives Recorded on the Ancestors of the Guarani-Mbyá Ethnicity

Maria Eugênia Rodrigues Luz²

Resumo

A etnia Guarani é uma das maiores representações indígenas na América do Sul, suas particularidades quanto ao dialeto e cultura apresentam importância significativa para repensar a memória e identidade atual. Esse artigo objetiva fazer uma análise do documentário "Tava, a casa de Pedra", de iniciativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), produzido em conjunto com integrantes da etnia *Guarani-Mbyá*, focalizando o dissenso entre a história oficial sobre os autóctones e as narrativas dessa etnia em relação à sua própria história registrada sobre o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo do Sul, no Rio Grande do Sul - Brasil. Passada de geração a geração por meio da oralidade, a versão da história dos *Guarani-Mbyá* que viveram no espaço que hoje denomina-se Ruínas, tem valor ímpar para o patrimônio imaterial, constituindo elemento de legitimação, de identidade, de pertencimento e de alteridade para essa etnia. O vídeo representa o que antes parecia impossível, ao apresentar a importância de considerar a voz dos indígenas na condição de construtores de sua própria história, bem como fixar a memória e identidade de seu povo que foi massacrado e quase totalmente dizimado. Os registros dos relatos podem contribuir para corrigir eventuais lacunas deixadas na história escrita, considerada oficial, em detrimento da oralidade. O método utilizado é a pesquisa qualitativa, com enfoque no estudo bibliográfico de autores especializados sobre a temática memória e identidade. Os resultados da pesquisa demonstraram que a versão apresentada pelos *Mbyá* possibilita uma versão da história mais heterogênea, quicá mais próxima da que se apresentou naquele contexto histórico.

Palavras-Chave: Etnia *Guarani-Mbyá*; história oficial; narrativas oraís; memória; identidade

Resumen

La etnia guaraní es una de las mayores representaciones indígenas en América del Sur, sus particularidades en cuanto al dialecto y cultura presentan una importancia significativa para repensar la memoria y identidad actual. Este artículo tiene como objetivo hacer un análisis del documental "Tava, la casa de Piedra", de iniciativa del Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional (IPHAN), producido en conjunto con integrantes de la etnia *Guarani-Mbyá*, enfocando el disenso entre la historia oficial sobre los autóctonos y las narrativas de esa etnia en relación a su propia historia registrada sobre el Sítio Arqueológico de San Miguel Arcángel del Sur, en Rio Grande do Sul – Brasil. Pasada de generación a generación por medio de la oralidad, la versión de la historia de los *Guarani-Mbyá* que vivieron en el espacio que hoy se denominan Ruinas, tiene valor ímpar para el patrimonio inmaterial, constituyendo elemento de legitimación, de identidad, de pertenencia y de alteridad para esa etnia. El video representa lo que antes parecía imposible, al presentar la importancia de considerar la voz de los indígenas en la condición de constructores de su propia historia, así como fijar la memoria y identidad de su pueblo que fue masacrado y casi totalmente diezmado. Los registros de los relatos pueden contribuir a corregir eventuales lagunas dejadas en la historia escrita, considerada oficial, en detrimento de la oralidad. El método utilizado es la investigación cualitativa, con enfoque en el estudio bibliográfico de autores especializados sobre la temática memoria e identidad. Los resultados de la investigación demostraron que la versión presentada por

¹ Artigo apresentado no Simpósio Temático (ST 03 – Repensar, Refletir, Interpretar e Reinterpretar a Memória, identidade e o patrimônio cultural da América Colonial) durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

² Discente do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteira, nível mestrado da Universidade do Oeste do Paraná - Unioeste; Professora de Direito. Facilitadora em Justiça Restaurativa; Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil; mariaeugencialuz@yahoo.com.br.

los Mbyá posibilita una versión de la historia más heterogénea, quizá más cercana a la que se presentó en aquel contexto histórico.

Palabras clave: Etnia *Guarani-Mbyá*³; historia oficial; narrativas orales; memoria y identidade.

Abstract

The Guarani ethnic group is one of the largest indigenous representations in South America, its peculiarities regarding dialect and culture are of significant importance in rethinking the memory and identity of today. This article aims to make an analysis of the documentary "Tava, a casa de Pedra", an initiative of the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN), produced jointly with members of the Guarani-Mbyá ethnic group, focusing on the dissent between the official history the indigenous and the narratives of this ethnic group in relation to their own recorded history on the Archaeological Site of São Miguel Arcanjo do Sul, in Rio Grande do Sul - Brazil, passed from generation to generation through orality, the version of the history of Guarani-Mbyá who lived in the space that today is called Ruins, has a unique value for immaterial heritage, constituting an element of legitimation, identity, belonging and otherness for this ethnicity. The video represents what before seemed impossible, when presenting the importance to consider the voice of the natives as builders of their own history, as well as to fix the memory and identity of their people that was massacred and almost totally wiped out. The records of the reports can contribute to correct any gaps left in written history, considered official, to the detriment of orality. The method used is the qualitative research, focusing on the bibliographic study of specialized authors on the theme of memory and identity. The results of the research showed that the version presented by the Mbyá allows a version of the more heterogeneous history, perhaps closer to that presented in that historical context.

Keywords: Ethnicity Guarani-Mbyá Ethnicity; official history; oral narratives; memory and identity.

1. Introdução

Esse artigo visa analisar, por meio do documentário "Tava, a casa de Pedra", a história considerada oficial e as narrativas dos antepassados da etnia *Guarani-Mbyá* sobre o Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, conhecido por Ruínas de São Miguel das Missões, situado no Rio Grande do Sul, Brasil. De modo específico, a tônica desse trabalho visa repensar os registros oficiais, utilizando como cotejo as histórias orais dos possíveis antepassados da referida etnia.

A Tava (denominação atribuída às ruínas da igreja do sítio arqueológico) que os *Guarani-Mbyá* afirmam ter construído, trata-se do lugar onde viveram seus antepassados, portanto, nele encontram suas lembranças, seus sinais e o jeito singular dos Mbyá que buscam, por meio da memória e relatos orais, dar visibilidade à sua história e reforçar sua identidade e alteridade.

Com efeito, optou-se pelo método de pesquisa qualitativa, com abordagem no estudo bibliográfico de autores especializados sobre os temas memória e identidade.

³ As palavras *Guarani-Mbyá* estão escritas em itálico e segue a escrita da Escola indígena Igineo Romeu Koenju, localizada na aldeia Tekoa Koenju, no RS, de acordo com as orientações da Profa. Patrícia Ferreira Para Yxapy.

O texto está organizado da seguinte forma: na primeira seção, faz-se uma abordagem sobre memória e identidade; na segunda parte faz-se um breve histórico sobre o documentário acerca do Sítio São Miguel das Missões; na terceira seção reflete-se sobre os trechos do registro “Tava, a casa de pedra”, trazendo a oralidade dos *Guarani-Mbyá* e o que se alega ser oficial, por fim, concluo com as considerações finais nas quais apresento a importância dos registros orais do *Mbyá* em cotejo com a história atualmente difundida.

2. Memória e Identidade

Anne Muxel, citada por Candau, traz o entendimento que o trabalho da memória efetiva-se na edificação identitária do sujeito, a partir do “ trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade” (CANDAU, 2012, p. 16).

Se “a memória recupera o vivido” como afirma (ZUMTHOR, 1997, p. 15), sua articulação é essencial para ligar a memória individual com a história regional. É a forma mais adequada de resgate do imaginário local, o que nos faz tomar por instrumento a história oral, procurando reconstituir histórias do dia-a-dia de pessoas comuns que não tiveram seus caminhos documentados pelos registros oficiais.

É do cotidiano dos *Guarani-Mbyá* a tradição de contar as mais diversas histórias que as ruínas das Missões inspira com seus ares de mistério, e essas narrativas populares servem de fontes, de caminhos da simbologia, das imagens, das interações e subjetividade do mundo atual.

Acredita-se que o não reconhecimento de que os membros de uma ou outra minoria étnica possui uma identidade cultural, com um conjunto distintivo de tradições e práticas, e uma história intelectual e estética igualmente característica, bem como o não reconhecimento que esta identidade cultural possui uma importância e um valor de grande profundidade, o que pode causar sérios danos, como por exemplo, o sentimento de vazio e marginalização (TAYLOR, 2009).

Nesse sentido, buscar conhecer as interações culturais que podem colaborar na construção de identidade na região de fronteira de Missões é possível dentro desta epistemologia, e são passíveis de ser compreendidas sob uma análise dos instrumentos e veículos de comunicação que viabilizam o trânsito dessas linguagens construtivas das identidades.

Castells (2008) defende que a construção social da identidade ocorre em um contexto marcado por relações de poder. Além disso, o autor propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades, dos quais destaco os seguintes:

[...] (ii) a identidade de resistência, criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação"; (iii) identidade de projeto, quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer material cultural, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, a música ou produtos da indústria cultural." (CASTELLS, 2008, p. 28).

É do cotidiano dos índios *Guarani-Mbyá*, a tradição de contar sobre as mais diversas histórias que as ruínas de Missões inspiram com seus ares de mistérios, o que reforça a resistência identitária devido a dominação branca sobre os *Guaranis*. De fato, memória e identidade tornam-se inseparáveis e reforçam-se mutuamente, pois a partir das lembranças do passado as identidades se constroem e se modelam e, por meio dessas identidades, a memória se faz presente, retroalimentando e conservando a etnia Mbyá.

Desse modo, as

"Missões, um espaço no tempo, é terra de fronteira que ultrapassa a territorialidade dos marcos nacionais. É paisagem de memória que remete a registros no tempo, desde a imagem visual que se oferece ao olhar às imagens mentais que são em parte memórias e herdadas, e em parte pessoais, fruto da vivência de cada um" (PESAVENTO, 2007, p. 51-52).

De acordo com Candau (2012), a memória, ao mesmo tempo em que modela, também é modelada a aspectos imateriais da cultura que se tornam decisivos para a manutenção da identidade étnica-cultural. Assim, "a memória é geradora de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a 'incorporar' certos aspectos particulares do passado a fazer escolhas memoriais".

A permanência dos *Mbyá* no Sítio Arqueológico São Miguel das Missões apresenta-se como forma de resistência à dominação colonizadora à época, insistindo em emergir, por meio da oralidade a sua história e identidade, conforme destacam-se nas próximas seções.

3. Breve Histórico sobre o Documentário Tava, a casa de Pedra

Até os anos de 1980 o IPHAN, com base na historiografia oficial, tinha como referência o personagem do jesuíta, na qualidade de herói civilizador e os indígenas (termo utilizado de forma geral) apenas no papel coadjuvante.

Nesse sentido, Dussel, expõe o contexto em que o indígena era relacionado:

Povos indígenas e grupos étnicos não entram na história do mundo como o contexto da descoberta da América, que é o momento em que os programas atuais da história nas escolas secundárias e universidades falam pela primeira vez do índio (ao lado das ilhas, palmeiras, animais exóticos). ... também havia índios nas praias que Colombo descobre) (DUSSEL, 1994, p. 86)⁴. Tradução da autora.

Assim, a figura do indígena era correlacionada à natureza, de modo secundário e envolta à paisagem. Em 1983, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) declarou o sítio de São Miguel Arcanjo patrimônio da humanidade, ressaltando o valor arquitetônico de seus remanescentes. O Departamento do Patrimônio Imaterial do IPHAN, criado em 2004, trouxe em sua política de desenvolvimento o contato mais próximo com os grupos sociais que produzem e reproduzem seus saberes com a finalidade de identificar e registrar os bens culturais de identidade e memória.

Em reflexão sobre o desafiante tema, Borges (1999) propõe repensar a proposta de ensino de história considerando a diversidade entre os dois interlocutores (do colonizador e do colonizado), respeitando as diferenças culturais e históricas. Para o referido pesquisador, quando os educadores indígenas afirmam que gostariam de uma “história bem ensinada”, referem-se a uma história que enfatize e admita um projeto étnico-cultural. É preciso lembrar que ensino e História estiveram constantemente imbricados com a identidade de um povo.

A história sobre a comunidade *Guarani-Mbyá*, relatada no mencionado documentário, que citaremos trechos a seguir, é perpetuada por uma forte tradição oral. Por esse motivo, os *Mbyá* tem condições de diferenciar o que está escrito, dos seus discursos que "remetem a uma associação entre conhecimento e fortalecimento da identidade" (TESTA, 2008, p. 295).

4. Narrativas do *Guarani-Mbyá* e história considerada oficial

⁴ Los pueblos y etnias indígenas americanas no entran en la historia mundial como contexto del descubrimiento de América que es el momento en el que los programas vigentes de historia en bachilleratos y universidades hablan por primera vez del indio (junto a las islas, palmeras, animales exóticos... habían igualmente indios en las playas que Colón descubre).

Numa das passagens do documentário produzido pelo IPHAN em conjunto com os *Mbyá*, Tava, lugar de Referência para o Povo Guarani,, regista-se a seguinte narrativa:

"Eu fui estudar na faculdade de Posadas pra tentar entender como era a vida dos *Mbyá*-Guarani no passado. Só estudamos sobre Roma e outros povos. Eu estudei Licenciatura em História. [...] Quando falam dos guarani eles dizem: Isso são apenas lendas. Falam isso e não dão valor. Porque não sabem a verdadeira história dos *Mbyá* [...]."

A fala acima expressa o quanto a cultura *Mbyá* foi colocada à margem da história, pois não constam registros a respeito de seu povo, tampouco se deu importância para inseri-la, apresentando apenas uma versão.

Em seguida, o Guarani descreve: “Eles querem saber da nossa história, mas não nos deixam contar, e depois dizem que não somos Guarani. Quando falam isso os anjos escutam. Eles nunca deveriam falar essas coisas”.

Nesse registro emerge a necessidade dos Guaranis de terem direito a voz e de estarem inseridos na história, demonstrando a falta de oportunidade em contar a suas vivências e tê-las respeitadas reforçando a importância da serem reconhecidos com a identidade Guarani.

Em continuidade, sobre a construção das Missões, o jovem *Mbyá* narra: “eles dizem que não foi nosso povo que fez as ruínas. O Guarani mais velho o interrompe e afirma peremptoriamente que foram eles que construíram a Tava [...] Foi assim na construção das ruínas no Paraguai, Brasil e Argentina”.

Ainda sobre a construção das Ruínas, o Guarani traz a seguinte fala:

Éramos nós que trabalhavam meu jovem. Eles nos encontraram e queriam a nossa ajuda. Então construímos a Tava. É como juntar todas as crianças para saber as que vão ajudar e as que não. E então carregamos as pedras. Foi assim... [...] Demos espaço a eles e agora se apoderaram de todo o território. (*Op. Cit.*, IPHAN).

Na oralidade acima, além da necessidade de reconhecimento da construção das Missões, os guaranis denunciam a invasão dos brancos no espaço construído através do esforço de seu povo e que hoje buscam direito de se fixarem no local que para eles é cheio de memória de seus antepassados.

Num outro trecho, o Guarani jovem descreve:

Em 2007 começamos a fazer vídeos a favor dos guarani. Não eram como os vídeos feitos pelos brancos. Sempre quisemos mostrar a nossa Caminhada Sagrada, quem construiu a Tava. Pra entender porque os guarani não tem mais terras e porque está tudo tão difícil. Durante este trabalho fomos até a Argentina pra conversar com os mais velhos sobre a Tava, a ruína. Lá na Argentina nós vimos que os guarani precisam pagar para entrar nas ruínas. Não podem transitar na morada dos antepassados, não podem vender artesanato dentro nem fora. Os guardas nos expulsam quando vêem vendendo. Conversamos com os mais velhos de lá (*Op. Cit.*, IPHAN).

Nesse relato vê-se a importância do jovem buscar suas origens, a memória de seu povo, entender a história atuando como protagonista para deixar registrada a versão dos autóctones. De outro modo, também denuncia a falta do direito de permanecerem no território de seus antepassados, cujo bem tem valor imaterial constituindo-se em um marco de identidade e representação grupal.

Para eles, em tantos outros relatos, a Tava em questão foi construída pelos antigos *Guarani-Mbyá* com o auxílio de *Nhande Ru* (Divindade Guarani), que fez as pedras ficarem leves. Depois esses *Mbyá* se encantaram e alcançaram a Terra Sem Mal. A permanência dos índios Guarani nas Ruínas é forte indicativo da necessidade de restaurar a memória de seu povo, conforme se percebe na fala do índio, a seguir: "Estamos vivendo onde nossos antepassados trabalharam, mas os brancos mesmo assim nos incomoda. Isso não tá certo. Eles nos tiraram tudo".

Na oralidade dos *Guarani-Mbyá*, evidencia-se que sob a alegação de aparente proteção foram enganados e desrespeitados, por isso reivindicam sua memória e identidade, pois as ruínas além de físicas revelam os aspectos emocionais dos *Mbyá*.

5. Considerações finais

As poucas evidências materiais deixadas pelas populações autóctones não podem servir de argumento para a falta de registro histórico a respeito dos *Guarani-Mbyá*, pelo que se faz necessário o contraponto entre a história considerada oficial e a memória dos *Mbyá* sobre as Missões. Desafiador, mas não impossível, é repensar a difusão do conhecimento de modo hegemônico até hoje e possibilitar a diversidade entre ambos os interlocutores, com a

finalidade de respeitar as diferenças étnicas, culturais e históricas existentes entre brancos e o povo *Guarani-Mbyá*.

Os registros no documentário da tradição oral perpetuada pela comunidade dos Guarani fomenta o que os educadores indígenas denominam de "história bem ensinada". É o povo Guarani registrando a sua história, até hoje colocada de forma secundária e à margem na historiografia. Desse modo, os *Mbyá* interpretam o evento histórico, as Missões, e tem reconhecido o direito de trazer suas narrativas sobre a construção da Tava, para conferir identidade, visibilidade e legitimidade às políticas de preservação do patrimônio histórico material e imaterial assegurados pela Constituição Federal Brasileira de 1988.

Referências

- BORGES, Paulo Humberto Porto. Uma visão indígena da história. Cad. CEDES [online]. 1999, vol.19, n.49, pp. 92-106. ISSN 0101-3262. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621999000200008>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- CANDAU, Joel. Memória e Identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012. p. 16.
- CASTELLS, M. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 28.
- DUSSEL, Henrique. 1492, El Encunbrimiento del Otro. Hacia el origen del mito da Modernidade. La Paz: Plural Editores - Centro de Información para el Desarrollo, 1994, p. Instituto Patrimônio do Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie da Tava Lugar de Referencia para o Povo Guarani\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie da Tava Lugar de Referencia para o Povo Guarani(1).pdf). Acesso em 11 nov. de 2017.
- PESAVENTO, Sandra Jataby; GOELZER, Ana Lúcia (ORGs). Missões, um espaço no tempo: Paisagem da Memória. Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 51-52.
- TAYLOR, Charles. A política de reconhecimento. In: TAYLOR, Charles. Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento. Tradução Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. p. 98-118.
- TESTA, Adriana Queiroz. Entre o canto e a caneta: oralidade, escrita e conhecimento entre os Guarani Mbya. Educ. Pesqui. [online]. 2008, vol.34, n.2, pp. 291-307. ISSN 1517-9702. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022008000200006>>. Acesso em 10 de nov. de 2017.
- ZUMTHOR, Paul. Tradição e esquecimento. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 15.